

SOBRE MAPAS E CADERNO DE PESQUISA: MODOS DE INVESTIGAR A DOCÊNCIA-ARTÍSTICA¹

Marcelo Forte
Universidade de Coimbra

ISSN 2316-6479

Resumo

Este texto é parte de uma pesquisa de mestrado que se propõe a pensar a formação de professores-artistas. Para este recorte são abordados processos metodológicos que contribuíram com a investigação, como a construção de mapas e o uso de um diário. Esses mapeamentos foram produzidos a partir das entrevistas com colaboradores e possibilitaram uma compreensão de questões que permeavam as falas. Assim, foi possível conhecer alguns processos de formação do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFG e entender que a formação de professores-artistas parte mais de um desejo de acadêmicos do que do curso em si.

Palavras-chave: Metodologia, mapa, professores-artistas, formação inicial.

Abstract

This text is a part of a master's research that consider the formation of artist-teachers. To this fragment I approach the methodological processes which contributed with the investigation, as the maps building and the use of a diary. These mappings was produced from the collaborators interviews and it enabled the understanding the questions that emerge from their speech. In that way, it was possible to know some formation of teachers processes of the graduation course in Visual Arts of UFG and understand that the formation of artist-teachers arrive from a wish of the own students.

Key words: Methodology, map, artist-teachers, initial formation.

Escrever sobre uma pesquisa realizada é muito mais do que apresentar resultados. Aliás, penso que antes de tudo, é compreender os processos pelos quais ela passou. Nesse sentido, apresento neste texto situações que estiveram presentes ao longo de minha investigação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

As pontuações realizadas nesta escrita buscam mostrar minha relação com o caderno de pesquisa e os mapeamentos desenvolvidos nele. Tanto o caderno quanto os mapas são entendidos aqui como produtores de conhecimento, muito além de um depósito de informações, por essa razão a necessidade de falar sobre eles.

¹ Fragmento de investigação de mestrado realizado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, orientado pela Prof.^a Dr.^a Leda Maria de Barros Guimarães.

Trazendo tais questões, também surge no decorrer da escrita o contexto, o foco e o assunto da investigação que estão baseados na possibilidade de uma formação inicial docente a partir de atravessamentos entre docência e artes visuais.

Para compreender esses processos, busquei colaboração dentro da Faculdade de Artes Visuais da UFG, no curso de Licenciatura em Artes Visuais, com professores e alunos do estágio supervisionado. É com base nas entrevistas realizadas com esses colaboradores que os mapeamentos foram desenvolvidos no caderno de pesquisa.

Das reverberações desses mapeamentos, trago algumas pontuações para este texto a fim de contar um pouco mais sobre como esses processos alcançaram aquilo que eu esperava, ou mesmo o que não esperava.

Há uma porta entreaberta – convite para entrar

O ponto disparador que me trouxe à investigação de mestrado foi minha própria experiência enquanto aluno de Licenciatura em Artes Visuais. Eu queria ser artista, e ao mesmo tempo as disciplinas do curso solicitavam-me o ser docente. Então, desejo e necessidade passaram a frequentar minhas construções sobre que profissional eu estava me tornando. Provocando atravessamentos entre meus desejos artísticos e minhas necessidades enquanto docente, estabeleci uma maneira de me desenhar professor-artista.

No mestrado, busquei aprofundar essas construções docente-artísticas na formação inicial em Artes Visuais. Uma docência-artística, que estivesse permeada pela interdisciplinaridade e que possibilitasse ao acadêmico inventar suas práticas de maneira rizomática, contaminando-se e produzindo-se com cada um dos campos.

Assim, na Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) convidei alunos e professores para participar de minha pesquisa como colaboradores. Estabelecemos um grupo de oito pessoas, dois professores de estágio da FAV, o professor Marcos Antônio Soares e a professora Noeli Batista dos Santos e seis acadêmicos do Estágio Supervisionado Obrigatório V, David Araújo da Silva, Bianca Thereza S. Borges, Priscila de Macedo P. e Souza, Maria de Fátima da Silva Cabral e outras duas acadêmicas que solicitaram manter seus nomes em sigilo, que as chamei de Lygia e Adriana.

Inicialmente, foram realizadas entrevistas individuais. Com os professores busquei por informações a partir de suas atuações nas disciplinas de Estágio supervisionado. Com os acadêmicos procurei estabelecer perguntas envolvendo

suas experiências tanto na disciplina de estágio supervisionado, na faculdade e nas escolas, quanto no curso de Licenciatura em Artes Visuais de uma forma geral, vivências de ateliês e de disciplinas pedagógicas, “não numa forma que privilegiasse informações factuais, mas que possibilitasse o surgimento de um conteúdo socioafetivo” (ALMEIDA, 2009, p. 26).

Conversei aproximadamente uma hora com cada colaborador, porém, não estabeleci um roteiro de perguntas que pudesse ser repetido a cada entrevista. Dei início à conversa abordando questões e partindo de interesses diferentes com cada um, mas que perpassavam em algum momento aquilo que havia sido conversado com os outros. Em todas as entrevistas fiz uso de um gravador de voz, com a prévia permissão dos entrevistados.

Depois de realizadas as entrevistas individuais marquei uma entrevista coletiva apenas com os acadêmicos, para que pudéssemos retomar algumas questões que foram recorrentes em suas falas individuais e que me interessavam aprofundar.

<reunimos las experiencias de otras personas porque nos permite ser más experimentados.> Nos interesan las experiencias concretas de tal niño, tal adolescente o tal adulto, porque nos permitirán ser <in-formados>, moldeados o enriquecidos por esta experiencia [...] (MANEN, 2003, p. 80)

Mas há de se considerar também, que aquilo que o entrevistado responde é uma versão do que lhe é solicitado responder, afastando a ideia de verdade absoluta ou de revelação de algo oculto, assumindo a entrevista como um processo de construção de “possíveis versões de realidade”. (Rocha et al. 2004, s/n)

O primeiro exercício depois de ter entrevistado todos os colaboradores, foi ouvir os arquivos gravados e dar início a uma seleção de falas que poderiam ser trazidas ao contexto da pesquisa. Fui selecionando alguns apontamentos realizados pelos entrevistados e estabelecendo esquemas em meu caderno de pesquisa.

O caderno de pesquisa

Entre as diversas nomenclaturas que se dá aos cadernos, como diários de pesquisa, diário de campo, diário de aula, preferi nesse momento utilizar a expressão caderno de pesquisa, por entendê-lo como um espaço que não necessariamente precisava ser frequente, mas que poderia conter aspectos da investigação para auxiliar-me durante o processo.

Segundo Porlán e Martín (2000, p. 23) a utilização do diário, permite que o pesquisador reflita sobre os processos mais significativos da dinâmica em que

está inserido. Ao recorrer ao caderno, inseria minhas inquietações, revelações, dúvidas e notas para que mais tarde pudesse voltar a pensar sobre determinado assunto em outro momento.

Oliveira ressalta que ao trazer determinados relatos aos cadernos (2011, p. 184), “silenciamos algumas passagens, potencializamos outras. No momento da escrita travamos uma conversa com nosso interior”. E por isso, os assuntos vão se afunilando, passam pela peneira do nosso pensamento para tornar-se outros depois de escritos no papel. Esse processo é também uma forma de aprender, como pondera Zabalza (2004, p. 10).

Para Lewgoy e Arruda (2004, p.124) a construção de um diário é “ponte que estabelece diversas conexões” sobre a temática em questão. Permite que façamos intervalos entre um mesmo assunto e retomemos em espaços diferentes, com outras questões.

“Tanto escrever sobre o que fazemos como ler sobre o que fizemos nos permite alcançar uma certa distância da ação e ver as coisas e a nós mesmos em perspectiva” (ZABALZA, 2004, p. 136). No caderno concentravam-se apontamentos, notas de rodapé, balões e sinalizações que me possibilitavam refletir sobre as entrevistas como um todo e também com as especificidades das falas de cada colaborador. Essas construções foram se transformando em esquemas, mapeamentos que organizavam a escrita e o meu pensamento.

Os mapeamentos

Deleuze e Guattari (1995, p. 21) pontuam que o mapa “contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência.” Permite-me visualizar os diversos espaços pertencentes à pesquisa em um único plano e transformar esse plano em outras possíveis dimensões.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

Os mapas auxiliaram-me nas reflexões e na escrita dos diversos tópicos presentes neles. Dispararam conexões entre espaços antes não habitados, revelaram esquemas e trajetos possíveis, que foram dando rumos à pesquisa, acrescentando ideias e abrindo pontos-porvir.



Figura 1. Caderno de pesquisa_fragmentomapa#1
 Fonte: Arquivo pessoal



Figura 2. Caderno de pesquisa_fragmentomapa#2
 Fonte: Arquivo pessoal

Os mapas #1 e #2 (figuras 1 e 2) trazem palavras-chave, expressões ditas pelos entrevistados e que marcaram suas falas e inquietaram-me nesse processo de entrevistar, ouvir, reouvir, transcrever, ler...

Inicialmente, buscava nas entrevistas respostas para as questões que permeavam a investigação, desejava um retorno imediato. Mas, parecia não haver conexão entre o material produzido nas entrevistas com o foco da pesquisa. Preciosa (2010, p. 52) ressalta que

É preciso o esforço da torção para chegar a desconjuntar o sujeito que se é, que se acostumou a ser. E poder aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos.

Não queria desconjuntar nem a mim e nem o meu trabalho, queria apenas encontrar nas entrevistas aquilo que eu esperava, almejava. Mas foi preciso forçar, torcer, quebrar para poder encontrar nos estilhaços pedaços de ideias que estavam ali e que na superfície plana não as enxergava. Foi necessário que as lascas e os farelos me apontassem direções, que se reformulassem em novos mapas.

Passei a desviar o olhar para as margens, para os assuntos que não estavam em evidência num primeiro momento. Assim, com as transcrições de todas as entrevistas em mãos, dos professores e dos acadêmicos, busquei abranger outros pontos, alguns que estiveram presentes nas falas de mais de um colaborador, outros provocativos de reflexão acerca da escola, do ateliê ou da própria formação de professores em artes visuais, que apesar de desviantes da formação que eu esperava, estava ali como um dado importante para compreender determinadas ações.

Fui então traçando um esquema das colocações dos colaboradores e de que forma elas se cruzavam, se repetiam, se sobrepunham, na tentativa de “recobrar o entusiasmo diante de uma ideia, de um fiapo de pensamento” (PRECIOSA, 2010, P. 59).



Figura 3. Caderno de pesquisa_fragmentomapa #3

Fonte: Arquivo pessoal

Com esse novo esquema (figura 3) pude perceber como as questões vinham sendo tratadas pelos colaboradores, com pontos de vista diferentes a respeito do mesmo assunto, e pude principalmente, refletir sobre alguns tópicos que poderiam ou não adentrar às discussões da pesquisa.

Precisei retornar às entrevistas e dar maior atenção a esses tópicos que estavam em evidência, além de tentar buscar pelos sussurros ou por aquilo

que em alguns instantes faltou ser dito, mas que estava à espreita. Analisando, ponderando e assinalando essas falas, produzi um novo mapa e dessa vez, determinante para que pudesse encontrar a escrita que tanto esperava.



Figura 4. Caderno de pesquisa_fragmentomapa #4

Fonte: Arquivo pessoal

Anotei as principais colocações e fiz ligações entre as que poderiam estar contidas dentro de um assunto geral. A fim de organização e para facilitar minhas buscas pelas falas dos colaboradores dei para cada entrevista uma letra (de A a H) agregando-as em cada tópico que estivera presente nas entrevistas. Algumas marcações em cores também serviram para me guiar durante a escrita.

Ao reelaborar cada mapa fui sintetizando tópicos e entrecruzando as falas, reafirmando o que cada colaborador havia dito, para então, no mapa #4 (figura 4), trazer os apontamentos que pudessem indicar eixos temáticos para o desenvolvimento da escrita e da análise das entrevistas e de seus conteúdos.

Foi a partir daí que construí os textos que possibilitaram posteriormente as considerações necessárias para a investigação. Esses textos estiveram marcados por questões que permeavam a formação inicial docente no curso de Licenciatura em Artes Visuais, a produção em ateliê e o espaço escolar. Com isso, cheguei a determinados pontos não conclusivos, mas passíveis de desdobramentos e reverberações.

Algumas pontuações

Ao relativizar as falas de cada um dos colaboradores, percebi que por mais comum que fossem os assuntos, suas perspectivas eram diferentes e que suas

formações vinham sendo construídas de maneiras diversas, apesar de estarem no mesmo curso e em processo de finalização.

Dessa forma, compreendo que o curso de Licenciatura em Artes Visuais aponta caminhos para uma formação a partir daquilo que está desenhado em seus componentes curriculares, no entanto, o acadêmico tem possibilidades de redesenhar e agregar outros trajetos nessa busca, o que muitas vezes não é percebido por eles. Cada um pode explorar as disciplinas ofertadas, os professores, os ateliês e espaços de produção, conforme aquilo que é de seu interesse, para além do que é obrigatório.

O que se percebe então, tanto pela minha experiência revisitada quanto pelas dos colaboradores, que a potencial relação entre artes visuais e docência se instaura antes nos propósitos de professores e alunos do que em estatutos e regulamentos de cursos. Portanto, para a pesquisa esse foi um ponto determinante para compreender os processos de formação docente em artes visuais e da possibilidade de formação docente-artística.

O curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV não tem como propósito formar professores-artistas. Contudo, não há nada na estrutura do curso que impeça professores e alunos de buscar por essa formação. Tanto que, havia entre os colaboradores a professora Noeli que procura em suas práticas docentes voltadas à licenciatura, trabalhar poeticamente e estimular seus alunos a uma reflexão também poética, envolvendo questões metodológicas de produções artísticas com produções em sala de aula.

Há também o exemplo de Maria de Fátima que desde criança costurava e bordava. Trabalhou durante anos com produções artesanais e no curso foi motivada a levar para o ateliê seus bordados e tecidos assim como durante os estágios, seu projeto envolveu atividades com o uso do bordado entre os alunos.

De uma maneira geral, todos acadêmicos colaboradores gostariam de vivenciar as disciplinas do curso de forma mais abrangente, experienciando linguagens artísticas, conhecendo e explorando materialidades, mas também subjetividades presentes em diferentes propostas. Em seus relatos há evidências de que os professores preferidos foram aqueles que proporcionaram reflexões além daquelas referentes ao conteúdo acadêmico, que os fizeram se reportar a outras situações.

Para os colaboradores o curso de Licenciatura em Artes Visuais da FAV possui um eixo pedagógico predominante sobre o eixo artístico. A carga horária do curso é de fato maior para as disciplinas de núcleo específico, mas a sua quantidade de disciplinas é de apenas quatro a mais que a de núcleo comum.

Mas o que acontece, segundo os colaboradores, é que nas disciplinas em comum com o bacharelado, os professores direcionam as aulas, que se

caracterizariam como artísticas, para as questões docentes. No que diz respeito a minha proposição de entrecruzamento de arte e docência, esse poderia ser um ponto de conexão. No entanto, os relatos apontam uma ligação apenas instrumental, no que confere a apreensão de determinada linguagem artística, como conteúdo para os futuros professores levarem até a sala de aula. Além disso, o tempo de permanência em ateliê é de somente um semestre, a fim de conhecer a linguagem específica.

Essas foram as principais pontuações presentes nas entrevistas e nos mapas realizados no caderno de pesquisa. Chegar até essas percepções foi possível justamente por eu ter me permitido entrar nesse processo de *transposicionar* falas em mapas, em conectar umas as outras e em entremear ações.

Com portas, comporta-se assim: melhor abrir do que fechar

Há neste momento, um texto para ser encerrado, mas há também assuntos para serem cada vez mais discutidos, abordados e colocados em evidência. Muitas questões também ficaram em aberto, muitas não foram estabelecidas com o propósito de serem respondidas de imediato, tanto na investigação quanto neste recorte específico. Estão à deriva e passíveis de interpretações-outras, de aprofundamentos e reflexões que as movimentem em outras direções.

Pesquisar com mapas, com cadernos, com colaboradores, tirou-me de um espaço de conforto, jogando-me à movimentação que toda investigação deve provocar. Foi a partir das instabilidades que o trabalho ganhou corpo, construiu um modo de ser e de estar em meio a tantos outros.

As contribuições que cada colaborador fez nesse percurso, possibilitaram uma revisão das minhas próprias atitudes enquanto investigador e uma ampliação dos meus pontos de vista, buscando compreender aquilo que foi falado, mas também aquilo que foi silenciado. Isso me fez observar os fatos apontados a partir de diferentes ângulos, e não apenas aceitá-los como verdades instituídas.

Acredito que daqui algum tempo, se retornar aos mapas e ao caderno da pesquisa realizada no mestrado, terei novas considerações a fazer e pontos a serem revistos, repensados, pois os meus pontos de vista agora são carregados de outros repertórios. Sou aquilo que busquei e continuo buscando pesquisar, um professor-artista que atravessa suas vivências e faz delas meios de produção de conhecimento.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. *Ser artista, ser professor: razões e paixões do ofício*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: a experiência do diário digital. *In: Revista Textos e Contextos: coletâneas em Serviço Social*, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 2. 2004, p. 115-130.

MANEN, Max V. Investigar la experiencia tal como la vivimos. *In: Investigación educativa y experiencia vivida*. Barcelona: Idea Books, 2003, p. 71-92.

OLIVEIRA, Marilda O. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: os diários de aula como foco de investigação. *In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Educação da cultura visual: conceitos e contextos*. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 175-190.

PORLÁN, R.; MARTÍN, J. *El diario del Profesor – un recurso para la investigación en el aula*. Sevilla: Díada editora, 2000.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade – sujeito e escritura em processo*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ZABALZA, M. *Diários de aula: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional*. Porto alegre: Artmed, 2004.

Minicurrículo

Marcelo Forte é doutorando em Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra, Mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás e possui Licenciatura Plena em Artes Visuais pela Universidade Federal de Santa Maria. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec) da UFSM, do Grupo de Pesquisa em Educação e Cultura Visual da UFG e do Grupo de Pesquisa Escultura e Objeto tridimensional da UFRGS. Atualmente é professor auxiliar de desenho na Universidade Federal de Goiás.